

**JOSÉ DE
ALENCAR**

CINCO MINUTOS

José de Alencar

Cinco minutos

«Public Domain»

de Alencar J.

Cinco minutos / J. de Alencar — «Public Domain»,

Содержание

| | |
|-----------------------------------|----|
| I | 5 |
| II | 8 |
| III | 11 |
| Конец ознакомительного фрагмента. | 13 |

José Martiniano de Alencar

Cinco minutos

I

É uma historia curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma historia, e não um romance.

Ha mais de dous annos, seriam seis horas da tarde, dirigi-me ao Rocio para tomar o omnibus de Andarahy.

Sabe que sou o homem o menos pontual que ha n'este mundo: entre os os meus immensos defeitos e as minhas poucas qualidades, não conto a *pontualidade* essa virtude dos reis, e esse mão costume dos Inglezes.

Enthusiasta da liberdade, não posso admittir de modo algum que o homem se escravise ao seu relógio e regule as suas acções pelo movimento de uma pendula.

Tudo isto quer dizer que, chegando ao Rocio, não vi mais omnibus algum; o empregado á quem dirigi-me respondeu:

– Partio ha cinco minutos.

Resignei-me, e esperei pelo omnibus de sete horas.

Anoiteceu.

Fazia uma noite de inverno fresca e humida: o céu estava calmo, mas sem estrellas.

Á hora marcada chegou o omnibus, e apressei-me á ir a tomar o meu lugar.

Procurei, como costume, o fundo do carro, afim de ficar livre das conversas monotonas dos recebedores, que de ordinario têm sempre uma anecdota insipida á contar, ou uma queixa á fazer sobre o máo estado dos caminhos.

O canto já estava occupado por um monte de sedas, que deixou escapar-se um ligeiro farfalhar, conchegando-se para dar-me lugar.

Sentei-me; prefiro sempre o contacto da seda á vizinhança da casimira ou do panno.

O meu primeiro cuidado foi ver si conseguia descobrir o rosto e as fórmulas que se escondiam n'essas nuvens de seda e de rendas.

Era impossivel.

Além de estar escura a noite, um maldito véo cahido de um chapéozinho de palha não me deixava a menor esperanza.

Resignei-me, e assentei que o melhor era cuidar de outra cousa.

Já o meu pensamento tinha-se lançado á galope pelo mundo da fantasia, quando de repente foi obrigado á voltar por uma circumstancia bem simples.

Senti no meu braço o contacto suave de um outro braço, que me parecia macio e avelludado como uma folha de rosa.

Quiz recuar, mas não tive animo; deixei-me ficar na mesma posição, e scismei que estava sentado perto de uma mulher que me amava e que se apoiava sobre mim.

Pouco e pouco fui cedendo áquella attracção irresistivel e reclinando-me insensivelmente: a pressão tornou-se mais forte; senti o seu hombro tocar de leve o meu; e por acaso encontrei uma mãozinha delicada e mimosa que deixou-se apertar á medo.

Assim, fascinado ao mesmo tempo pela minha illusão e por este contacto voluptuoso, esqueci-me, á ponto que, sem tino do que fazia, e, favorecido pela obscuridão, passei-lhe a mão pela cintura e cerrei seu talhe delicado.

Ella soltou um grito, que foi tomado naturalmente como susto causado pelos solavancos do omnibus, e refugiou-se no canto.

Meio arrependido do que tinha feito, voltei-me como para olhar pela portinhola do carro, e, aproximando-me d'ella, disse-lhe quasi ao ouvido:

– Perdão!

Não respondeu; conchegou-se ainda mais ao canto.

Tomei uma resolução heroica.

– Vou descer; não a incomodarei mais.

Ditas estas palavras rapidamente, de modo que só ella ouvisse, inclinei-me para mandar parar. Mas senti outra vez a sua mãosinha, que apertava docemente a minha, para impedir-me de sahir.

Está entendido que não resisti, e que deixei-me ficar; ella conservava-se sempre longe de mim, mas tinha-mè abandonado a mão, que apertava respeitosamente.

De repente veio-me uma idéa. Si fosse feia! si fosse velha! si fosse uma e outra cousa!

Fiquei frio, e comecei á reflectir.

Esta mulher, que sem me conhecer me permittia o que só se permite ao homem que se ama, não podia deixar com effeito de ser feia e muito feia.

Não lhe sendo facil achar um namorado de dia, ao menos agarrava-se á este, que de noite e ás cegas lhe proporcionára o acaso.

É verdade que essa mão delicada, essa espadua avelludada... Ilusão! Era a disposição em que eu estava!

A imaginação é capaz de maiores esforços ainda.

N'esta marcha, o meu espirito em alguns instantes tinha chegado á uma convicção inabalavel sobre a fealdade de minha vizinha.

Para adquirir a certeza renovei o exame que tentára á principio aproveitando-me da luz furtiva de algum raro lampião acceso: porém ainda d'esta vez foi baldado; estava tão bem envolvida no seu mantelete e no seu véo, que nem um traço do rosto trahia seu incognito.

Mais uma prova! Uma mulher bonita deixa-se admirar, e não se esconde como uma perola dentro da sua ostra.

Decididamente era feia, enormemente feia!

N'isto ella fez um movimento entreabrindo o seu mantelete, e um bafejo suave de aroma de sandalo exhalou-se.

Aspirei voluptuosamente essa onda de perfume, que se infiltrou em minha alma como um effluvio celeste.

Não se admire, minha prima, tenho uma theoria á respeito dos perfumes.

A mulher é uma flôr que se estuda, como a flôr do campo, pelas suas côres, pelas suas folhas e sobretudo pelo seu perfume.

Dada a côr predilecta de uma mulher desconhecida, o seu modo de trajar e o seu perfume favorito, vou descobrir, com a mesma exactidão de um problema algebrico, si ella é bonita ou feia.

De todos estes indicios, porém, o mais seguro é o perfume; e isto por um segredo da natureza, por uma lei mysteriosa da criação, que não sei explicar.

Porque é que Deos deu o aroma mais delicado á rosa, ao heliotropo, á violeta, ao jasmim, e não á essas flôres sem graça e sem belleza, que só servem para realçar as suas irmãs?

É de certo por esta mesma razão que Deos só dá á mulher linda esse tacto delicado e subtil, esse gosto apurado, que sabe distinguir o aroma mais perfeito.

Já vê, minha prima, porque esse odor de sandalo foi para mim como uma revelação.

Só uma mulher distincta, uma mulher de sentimento, sabe comprehender toda a poesia d'esse perfume oriental, d'esse *hatchiss* do olfacto, que nos embala nos sonhos brilhantes das *Mil e uma Noites*, que nos falla da India, da China, da Persia, dos esplendores da Asia e dos mysterios do berço do sol.

O sandalo é o perfume das odaliscas de Stamboul e das houris do propheta; como as borboletas que se alimentam de mel, a mulher de Oriente vive com as gottas d'essa essencia divina.

Seu berço é de sandalo; seus collares, suas pulseiras, o seu leque, são de sandalo; e, quando a morte vem quebrar o fio d'essa existencia feliz, é ainda em uma urna de sandalo que o amor guarda as suas cinzas queridas.

Tudo isto passou-me pelo pensamento, como um sonho, enquanto eu aspirava ardentemente a exalação fascinadora, que foi á pouco e pouco desvanecendo-se.

Era bella!

Tinha toda a certeza; d'esta vez era uma convicção profunda e inabalavel.

Com effeito, uma mulher de distinção, uma mulher de alma elevada, si fosse feia, não dava sua mão á beijar á um homem que podia repellil-a quando a conhecesse; não se expunha ao escarneo e ao desprezo.

Era bella!

Mas não a podia ver, por mais esforços que fizesse; via-a com os olhos da alma, fazia o seu retrato imaginario.

O omnibus parou; uma outra senhora ergueu-se e sahio.

Senti que *sua* mão apertava a minha; vi uma sombra passar diante de meus olhos no meio do *ruge-ruge* de um vestido, e quando dei accordo de mim rodava o carro e eu tinha perdido a minha visão.

Resoava-me ainda ao ouvido uma palavra murmurada, ou antes suspirada quasi imperceptivelmente:

– *Non ti scordar di me!*...

Lancei-me fóra do omnibus; caminhei á direita e á esquerda; andei como um louco até nove horas da noite.

Nada!

II

Quinze dias se passaram depois da minha aventura.

Durante este tempo é escusado dizer-lhe as extravagancias que fiz.

Fui todos os dias á Andarahy no omnibus das sete horas, para ver si encontrava a minha desconhecida; indaguei de todos os passageiros si a conheciam, e não obtive a menor informação.

Estava á braços com uma paixão, minha prima, e com uma paixão de primeira força e de alta pressão, capaz de fazer vinte milhas por hora.

Quando sahia não via ao longe um vestido de seda preta e um chapéo de palha que não lhe dêsse caça, até fazel-o chegar á abordagem..

No fim descobria alguma velha ou alguma costureira desgeitosa, e continuava tristemente meu caminho, atrás d'essa sombra impalpavel, que eu procurava havia quinze longos dias, isto é, um seculo para o pensamento de um amante.

Um dia estava em um baile, triste e pensativo, como um homem que ama uma mulher e não conhece a mulher que ama.

Recostei-me á uma porta, e d'ahi via passar diante de mim uma myriada brilhante e esplendida, pedindo á todos aquelles rostos indifferentes um olhar, um sorriso, que me dêsse á conhecer aquella que eu procurava.

Assim preocupado, quasi não dava fé do que se passava junto de mim, quando senti um leque tocar no meu braço, e uma voz que vivia no meu coração, uma voz que cantava dentro de minha alma, murmurou:

– *Non ti scordar di me!*...

Voltei-me.

Corri um olhar pelas pessoas que estavam junto de mim, e apenas vi uma velha que passeava pelo braço de seu cavalheiro, abanando-se com um leque.

– Será ella, meu Deos? pensei eu horrorizado.

E, por mais que fizesse, meus olhos não se podiam destacar d'aquelle rosto cheio de rugas.

A velha tinha uma expressão de bondade e de sentimento que devia attrahir a *sympatia*; mas n'aquelle momento essa belleza moral, que illuminava aquella *physionomia* intelligente, pareceu-me horrível e até repugnante.

Amar quinze dias uma sombra, sonhal-a bella como um anjo, e por fim encontrar uma velha de cabellos brancos, uma velha *coquette* e namoradeira!

Não, era possível! Naturalmente a minha desconhecida tinha fugido antes que eu tivesse tempo de vê-la.

Essa esperança consolou-me; mas durou apenas um segundo.

A velha fallou, e na sua voz eu reconheci, apezar de tudo, apezar de mim mesmo, o timbre doce e avelludado que ouvira duas vezes.

Em face da evidencia não havia mais que duvidar. Eu tinha amado uma velha, tinha beijado sua mão enrugada com delirio, tinha vivido quinze dias de sua lembrança.

Era para fazer-me enlouquecer ou rir; não me ri nem enlouqueci, mas fiquei com tal tedio e aborrecimento de mim mesmo que não posso exprimir.

Que peripecias, que lances, porém, não me reservava ainda esse drama, tão simples e obscuro!

Não distingui as primeiras palavras da velha logo que ouvi a sua voz; foi só passado o primeiro espanto que percebi o que dizia.

– Ella não gosta de bailes.

– Pois admira, replicou o cavalheiro; na sua idade!

– Que quer! não acha prazer n'estas festas ruidosas, e n'isto mostra bem que é minha filha.

A velha tinha uma filha, e isto podia explicar a semelhança extraordinária da voz. Agarrei-me á esta sombra, como um homem que caminha no escuro.

Resolvi-me á seguir a velha toda a noite, até que ella se encontrasse com sua filha: desde este momento era o meu fanal, a minha estrella polar.

A senhora e o seu cavalheiro entráram na saleta da escada. Separado d'ella um instante pela multidão, ia seguil-a.

N'isto ouço uma voz alegre dizer da saleta:

–Vamos, mamã!

Corri, e apenas tive tempo de perceber os folhos de um vestido preto, envolto n'um largo *bornou* de seda branca, que desapareceu ligeiramente na escada.

Atravessei a saleta tão depressa como me permittio a multidão, e, pisando callos, dando encontrões á direita e á esquerda, cheguei emfim á porta da sahida.

O meu vestido preto sumio-se pela portinhola de um *coupé*, que partio á trote largo.

Voltei ao baile desanimado; á minha unica esperança era a velha; por ella podia tomar informações, saber quem era a minha desconhecida, indagar o seu nome e a sua morada, acabar emfim com este enigma, que me matava de emoções violentas e contrarias.

Indaguei d'ella.

Mas como era possivel designar uma velha da qual eu só sabia pouco mais ou menos a idade?

Todos os meus amigos tinham visto muitas velhas, porém não tinham olhado para ellas.

Retirei-me triste e abatido, como um homem que se vê em luta contra o impossivel.

De duas vezes que a minha visão me tinha apparecido, só me restava uma lembrança, um perfume e uma palavra!

Nem siquer um nome!

Á todo momento parecia-me ouvir na briza da noite essa phrase do *Trovador*, tão cheia de melancolia e de sentimento, que resumia para mim toda uma historia.

Desde então não se representava uma só vez esta opera em que eu não fosse ao theatro, ao menos para ter o prazer de ouvil-a repetir.

Á principio, por uma intuição natural, julguei que *ella* devia, como eu, admirar essa sublime harmonia de Verdi, que devia tambem ir sempre ao theatro.

O meu binoculo examinava todos os camarotes com uma attenção meticulosa; via moças bonitas ou feias, mas nenhuma d'ellas me fazia palpitar o coração.

Entrando uma vez no theatro e passando a minha revista costumada, descobri finalmente na terceira ordem sua mãe, a minha estrella, o fio de Ariadne que me podia guiar n'este labyrintho de duvidas.

A velha estava só na frente do camarote, e de vez em quando voltava-se para trocar uma palavra com alguém, sentado no fundo.

Senti uma alegria ineffavel.

O camarote proximo estava vazio; perdi quasi todo o espectáculo á procurar o cambista incumbido de vendêl-o. Por fim achei-o, e subi de um pulo as tres escadas.

O coração queria saltar-me quando abri a porta do camarote e entrei.

Não me tinha enganado; junto da velha vi um chapéozinho de palha com um véo preto rocegado, que não me deixava ver o rosto da pessoa á quem pertencia.

Mas eu tinha adivinhado que era *ella*; e sentia um prazer indefinivel em olhar aquellas rendas e fitas, que me impediam de conhecêl-a, mas que ao menos lhe pertenciam.

Uma das fitas do chapéo tinha cahido do lado do meu camarote, e, em risco de ser visto, não pude soster-me e beijei-a á furto.

Representava-se a *Traviata*, e era o ultimo acto; o espectáculo ia acabar, e eu ficaria no mesmo estado de incerteza.

Arrastei as cadeiras do camarote, tossi, deixei cair o binoculo, fiz um barulho insupportavel, para ver si *ella* voltava o rosto.

A platéa pedio silencio; todos os olhos procuráram conhecer a causa do rumor; porém *ella* não se moveu; com a cabeça meio inclinada sobre a columna, em uma languida inflexão, parecia toda entregue ao encanto da musica.

Tomei um partido.

Encostei-me á mesma columna, e em voz baixa balbuciei estas palavras:

– Não me esqueço!

Estremeceu e, abaixando rapidamente o véo, conchegou ainda mais o largo *bornou* de setim branco.

Cuidei que ia voltar-se, mas enganei-me; esperei muito tempo, e debalde.

Tive então um movimento de despeito e quasi de raiva; depois de um mez que eu guardava a maior fidelidade á sua sombra, *ella* me recebia assim friamente.

Revoltei-me.

– Comprehando agora, disse eu em voz baixa e como fallando á um amigo que estivesse á meu lado, comprehendo porque *ella* me foge, porque conserva esse mysterio; tudo isto não passa de uma zombaria cruel, de uma comedia, em que eu faço o papel do amante ridiculo. Realmente é uma lembrança engenhosa! Lançar em um coração o germen de um amor profundo; alimentar-o de tempos a tempos com uma palavra, excitar a imaginação pelo mysterio; e depois, quando esse namorado de uma sombra, de um sonho, de uma illusão, passear pelo salão a sua figura triste e abatida, mostral-o á suas amigas como uma victima immolada aos seus caprichos, e escarnecer do louco! É espirituoso! O orgulho da mais vaidosa mulher deve ficar satisfeito!

Emquanto eu proferia estas palavras, repassadas de todo o fel que tinha no coração, a Charton modulava com a sua voz sentimental essa linda aria final da *Traviata*, interrompida por ligeiros accessos de uma tosse secca.

Ella tinha curvada a cabeça, e não sei si ouvia o que eu lhe dizia ou o que a Charton cantava; de vez em quando as suas espaduas se agitavam com um tremor convulsivo, que eu tomei injustamente por um movimento de impaciencia.

O espectáculo terminou, as pessoas do camarote sahiram, e *ella*, levantando sobre o chapéu o capuz de seu manto, acompanhou-as lentamente.

Depois, fingindo que se tinha esquecido de alguma cousa, tornou á entrar no camarote, e estendeu-me a mão.

– Não saberá nunca o que me fez soffrer, disse-me com a voz tremula.

Não pude ver-lhe o rosto; fugio, deixando-me o seu lenço impregnado d'esse mesmo perfume de sandalo e todo molhado de lagrimas ainda quentes.

Quiz segui-l-a; mas *ella* fez um gesto tão supplicante que não tive animo de desobedecer-lhe.

Estava como d'antes; não a conhecia, não sabia nada á seu respeito; porém ao menos possuia alguma cousa d'*ella*; o seu lenço era para mim uma reliquia sagrada.

Mas as lagrimas? Aquelle soffrimento de que *ella* fallava? O que queria dizer tudo isto?

Não comprehendia; si eu tinha sido injusto, era uma razão para não continuar á esconder-se de mim. Que queria dizer este mysterio, que parecia obrigada á conservar?

Todas estas perguntas e as conjecturas á que *ellas* davam lugar não me deixáram dormir.

Passei uma noite de vigilia á fazer supposições, cada qual mais desarrazoada.

III

Recolhendo-me no dia seguinte, achei em casa uma carta.

Antes de abri-la conheci que era d'ella, porque lhe tinha imprimido esse suave perfume que a cercava como uma aureola.

Eis o que dizia:

«Julga mal de mim, meu amigo; nenhuma mulher póde escarnecer de um nobre coração como o seu.

Si me occulto, si fujo, é porque ha uma fatalidade que á isto me obriga. E só Deus sabe quanto me custa este sacrificio, porque o amo!

Mas não devo ser egoista e trocar sua felicidade por um amor desgraçado. Esqueça-me.

C.»

Essa assignatura era a mesma lettra que marcava o seu lenço, e á qual eu desde a vespera pedia debalde seu nome!

Reli não sei quantas vezes esta carta, e, apesar da delicadeza de sentimento que parecia ter dictado suas palavras, o que para mim tornava-se bem claro é que ella continuava á fugir-me.

Fosse qual fosse esse motivo que ella chamava uma fatalidade, e que eu suppunha ser apenas escrupulo, sinão uma zombaria, o melhor era aceitar o seu conselho e fazer por esquecel-a.

Reflecti então seriamente sobre a extravagancia da minha paixão, e assentei que com effeito precisava tomar uma resolução decidida.

Não era possivel que continuasse á correr atrás de um fantasma que esvaecia-se quando ia tocá-lo.

Aos grandes males os grandes remedios, como diz Hippocrates. Resolvi fazer uma viagem.

Mandei sellar o meu cavallo, metti alguma roupa em um sacco de viagem, embrulhei-me no meu capote e sahi, sem me importar com a manhã de chuva que fazia.

Não sabia para onde iria. O meu cavallo levou-me para o Engenho-Velho, e eu d'ahi encaminhei-me para a Tijuca, onde cheguei ao meio-dia, todo molhado e fatigado pelos máos caminhos.

Si algum dia se apaixonar, minha prima, aconselho-lhe as viagens como um remedio soberano e talvez o unico efficaz.

Deram-me um excellente almoço no hotel; fumei um charuto, e dormi doze horas, sem ter um sonho, sem mudar de lugar.

Quando acordei, o dia despontava sobre as montanhas da Tijuca.

Uma bella manhã, fresca e rociada das gottas do orvalho, desdobrava o seu manto de azul por entre a cerração, que se desvanecia aos raios do sol.

O aspecto d'esta natureza quasi virgem, esse céo brilhante, essa luz esplendida cahindo em cascatas de ouro sobre as encostas dos rochedos, serenou-me completamente o espirito.

Fiquei alegre, o que ha muito tempo não me succedia.

O meu hospede, um Inglez franco e cavalheiro, convidou-me para acompanhá-lo á caça; gastámos todo o dia á correr atrás de duas ou tres marrecas e á bater as margens da Restinga.

Assim passei nove dias na Tijuca, vivendo uma vida estupida quanto póde ser; dormindo, caçando e jogando o bilhar.

Na tarde do decimo dia, quando já me suppunha perfeitamente curado e estava contemplando o sol, que se escondia por detrás dos montes, e a lua, que derramava no espaço a sua luz doce e assetinada, fiquei triste de repente.

Não sei que caminho tomáram as minhas idéas; o caso é que d'ahi á pouco descia a cerra no meu cavallo, lamentando esses nove dias, que talvez tivessem feito perder para sempre a minha desconhecida.

Accusava-me de infidelidade, de traição; a minha fatuidade dizia-me que eu devia ao menos ter-lhe dado o prazer de ver-me.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.